

Bibliotecário e Documentalista — Uma divergência e um problema ()*

LASSO DE LA VEGA.

Tradução de Lygia N. Fernandes

1. GÊNESE DO CONCEITO DE DOCUMENTAÇÃO

1.1 *Bibliotecário e documentalista*

PARA distinguir claramente o bibliotecário do documentalista, convém acompanhar através da história, ainda que muito esquematicamente, o processo pelo qual se chegaram a positivar os traços de uma e de outra profissão, não impedindo isso que intentemos, depois, fixar seus limites, características, analogias e diferenças.

1.11 *Idade Antiga*

Na Idade Antiga, aquêle que tem a seu cargo a biblioteca não é um bibliotecário profissional — é um erudito, ou um filólogo, no amplo sentido que convém atribuir a esta palavra, em tão remotos tempos. Nem Demétrio Falero, Zenódoto de Éfeso, Calímaco de Cirene, Apolônio de Rodes, etc., todos bibliotecários da famosa Biblioteca de Alexandria, tiveram preparação adequada para o desempenho técnico de suas funções, nem a citada biblioteca, como instituição, prestou os serviços que prestaria em nosso tempo. Isso não quer dizer que não se catalogassem e classificassem os acervos, tanto assim que, entre eles, Calímaco de Cirene redigiu o famoso Cânon, e introduziu na linguagem literária a aceção de "clássico", transmitida, depois, a todos os idiomas cultos. Tampouco diferem, a êste respeito, os que fundaram e custodiaram a famosa Biblioteca de Pérgamo, êmula e rival da anterior. Em ambas, além da custódia e ordenação do acervo, exerciam-se em grande escala as funções próprias de uma empresa editorial; isto é, copiava-se grande número de papiros e pergaminhos, para trocá-los por

(*) "Revista de Artigos", Biblioteca e Museus, Madrid. Tomo LX, Julho, Dezembro, 1959.

outros de que se carecia, ou que se destinavam à formação e enriquecimento de outras bibliotecas. A tradição relativa à Bíblia dos setenta é uma boa prova disso. (1)

Os bibliotecários de Atenas foram também, na maioria, eruditos, literatos, filósofos e cientistas; as bibliotecas eram privativas desta classe, e tampouco prestaram os serviços que hoje prestam. Eram, como a de Alexandria, uma espécie de empresa editorial, pois não havia bibliotecas sem escritório e sem copistas.

As grandes bibliotecas de Roma seguem o mesmo caminho. Fundam-se sobretudo com a riquíssima presa de guerra, que a conquista da Grécia lhes proporciona. As coleções de papiros helenos se distribuem entre os conquistadores, e com estes despojos se criam bibliotecas de reputada categoria, como a Palatina, fundada por Augusto, dando ensejo a que se distinga como bibliotecário Caio Júlio Higino (nomeado por Augusto, bibliotecário (2) da Palatina), primeiro espanhol a prenunciar o relêvo que seus patricios haviam de dar, anos depois, às letras latinas. Trajano, outro espanhol glorioso, o maior dos imperadores romanos, a quem a Espanha deve homenagem digna de sua grandeza, funda a biblioteca de seu nome, e assim crescem e se multiplicam as bibliotecas na Cidade Eterna. Mas a forma como se pratica a função de bibliotecário não difere do que era nas etapas e entre os povos anteriores.

1.12 Idade Média

Dado o propósito dêste estudo, importa salientar, para melhor explicar a marcha da cultura na Idade Média, que os romanos cultos conheciam perfeitamente o grego, lendo-o e falando-o. Mecenas e outros bibliófilos lançaram a moda das ricas bibliotecas, com instalações luxuosas, que Lucano e Sêneca, dois espanhóis ilustres, levaram a ridículo, pois a mera ostentação teria induzido seus donos a organizá-las. Ninguém podia gabar-se de possuir uma biblioteca seleta, se não entesourasse em papiros gregos as obras mais famosas dos escritores e pensadores do povo helênico. E ninguém as traduzia, pois ignorar o grego era demonstração clara de falta de bons princípios, e de ausência de educação esmerada. A carência de traduções latinas de obras dos autores gregos, que tanto importa sublinhar, se deve ao fato de que, durante os primeiros séculos da Idade Média, se desconhecem quase completamente as obras desses escritores e pensadores. Com a invasão dos bárbaros, o grego, que fôra a segunda língua dos romanos, é esquecido e desaparece; como as obras dos autores helênicos não se haviam

(1) H. HESSEL, *Geschichte d. Bibliotheken*, Gottingue, Pelens, 1930; J. VORTIUS, *Grundzüge d. Bibliotheksgeschichte*, Londres, Grafton, 1931; E. C. RICHARDSON, *The beginnings of libraries*, Princeton Univ. Pr., 1914; idem, *Public libraries, a sketch of library history from 3.400 B. C. to A. D.*, 150; ibidem, 1914; F. GARBEILLI, *Le biblioteche in Italia all'epoca romana*, MILAN, HOEPLI, 1894; B. H. STREETER, *The chained library; a survey of four centuries in the evolution of the English library*, Londres, Macmillan, 1931.

(2) B. BUNTE D. C., *Julii Hygini...* (s.e.) 1816

traduzido para o latim pelo motivo exposto, o Ocidente fica privado da mais rica e importante produção literária, filosófica e científica que, até então, a humanidade havia acumulado. Produz-se então um fenômeno diferenciador marcante: em Constantinopla se esquece o latim, e em Roma se esquece o grego. Não existe no Ocidente pessoa alguma capaz de ler os autores gregos em sua própria língua, não se podendo tampouco utilizar traduções latinas. Os Exaplas, os Tetraplas e os livros religiosos em geral integram as primeiras bibliotecas entre os cristãos. (3) Os próprios Evangelhos são designados pelo nome de Biblioteca. (4) O sacristão exercia geralmente o papel de bibliotecário. Entregava e recolhia diariamente os códices, guardando-os e custodiando-os em armários destinados a êste fim.

Nesta situação, Boécio, com uma visão admirável, empreende a tradução de Aristóteles e de Platão para o latim, e, ainda que não pudesse levar a cabo seu propósito, provou com isso haver pressentido a transcendência dêsses filósofos. Outros escritores latinos, pelo contrário, condenam em bloco, até os séculos VII e VIII, como perigosa, tôda a literatura pagã (5). A cultura espanhola do século VII era essencialmente clerical, destinada à salvação do indivíduo e à formação religioso do povo. (6)

Chegamos ao Renascimento, por sucessivas etapas que, em suma, consistem em um fluir da produção grega e da latina clássica, sôbre a literatura própria do Ocidente.

A tardia evangelização da Irlanda (sec. IV) faz com que os monges daquela ilha se consagrem ao culto da língua e da literatura latinas, exatamente porque o país não havia sido jamais romanizado. O foco de literatura latina que ali se cria influi primeiro sôbre a Grã-Bretanha, e depois sôbre a França, dando origem, com Alcuino, Duns Ecoto e outros monges, ao Renascimento carolíngio, cujas características mais destacadas são o alto nível literário e o conhecimento da filosofia aristotélica. A *Lógica Vetust* penetra nas escolas, e seu estudo e difusão abrem as portas ao renascimento do século XII. (7)

Mas o Oriente se aproxima do Ocidente por outro caminho, o dos povos semitas; êstes pouco ou nada criam, porém são povos transmissores, que cumprem missão providencial. As obras de autores gregos, filosóficas e científicas, são vertidas para o siríaco e para o hebreu, e dêstes idiomas para o árabe. As obras filosóficas, de matemática, astronomia, medicina, etc.,

(3) Para as bibliotecas da Espanha na Idade Média, v. Jules Tailhan, *Appendice tout special sur l'Espagne. Nouveau Mélanges D'Archéologie...* Paris, 1877, e a obra de J. PÉREZ URBEL, *Los monjes en la Edad Media*, Madrid, 1934.

(4) A expressão *Divina biblioteca* significava as Escrituras Sagradas: JUSTO PÉREZ DE URBEL, *Los monjes españoles en la Edad Media*, Madrid, 1934.

(5) Trata o monje de não ler os livros dos gentios e os volumes dos herejes; é melhor ignorar suas preciosas doutrinas do que enredar-se no laço do erro (*San Isidoro, Regula*, cap. IX, citado por PÉREZ URBEL no *Los monjes españoles en la Edad Media*, Madrid, 1934).

(6) J. PÉREZ URBEL, *ob. cit.*

(7) N. D'OLWER, *Discurso de clausura*. Segundo Congresso Internacional de Bibliotecas e Bibliografias, Madrid, 1949.

se traduzem para o árabe e se reproduzem, acompanhadas de glosas e comentários. A supressão das vogais na escrita árabe e a simplicidade dos sinais, espécie de taquigrafia, permitem, com sensível economia de tempo e de material de escrita, pergaminho ou papel, reproduzir maior número de obras. O brilhante apogeu do mundo árabe, no Oriente e no Ocidente, é acompanhado de interêsse primordial pelo livro. À sua sombra florescem, no tempo de Alhaquem, famosas e ricas bibliotecas em Córdoba e Sevilha, com centenas de milhares de volumes. (8) Os árabes, em suas mochilas de guerreiros, trazem o papel, descoberta revolucionária que resolveu um dramático problema, e que, embora de custo elevado naquele tempo, não se comparava com o pergaminho, tão caro quanto escasso. Escassez que obrigava, com freqüência, à utilização de um mesmo pergaminho para a escrita superposta de várias obras, dando origem aos palimpsestos. Ptolomeu, Euclides, Hipócrates, Platão, Aristóteles, etc., depois de haverem conquistado o pensamento judaico, com Maimônides, e o pensamento (9) árabe, com Averroes e Avempace, conquistam também o pensamento latino com a escolástica e sua magna figura angélica, Santo Tomás. As escolas de tradutores de Toledo e Sevilha, fundadas por Afonso o Sábio, trazem para o latim o acervo classico grego. A redução da vida feudal ao campo, o despertar das escolas catedralícias e o aparecimento das Universidades se conjugam com a bibliofilia e o amor ao códice. A iluminura de manuscritos alcança níveis insuspeitados, e, em seu bispado de Durham, Ricardo de Bury escreve o famoso *Philobiblion*, em defesa do livro. (10) O acervo das bibliotecas monásticas era constituído por duzentos ou trezentos manuscritos. Extuando-se os reis e alguns príncipes, poucos seriam os possuidores de bibliotecas. O alto preço dos manuscritos não estava ao alcance das bôlsas mediocres. (11)

1.13 Renascimento

A afeição ao grego e ao latim, e o conjunto dos elementos citados trazem o Renascimento, firmado em duas sólidas bases: a expansão dos gregos pelo Ocidente, em consequência da tomada de Constantinópla pelos turcos, e a invenção da imprensa por Gutemberg. (12)

(8) JULIÁN RIBERA TARRAGO, *Bibliófilo y bibliotecas de la España Musulmana*, Zaragoza, 1896.

(9) N. D'OLWER, *ob. cit.*

(10) RICARDO DE BURY, *El Philobiblion, muy hermoso tratado sobre el amor por los libros*, Madrid, 1927.

(11) H. BOUCHAT, *Le livre*, Paris, 1886.

(12) PETRARCA teve idéia de fundar na Itália uma biblioteca pública, assim como também fizera PALLA DEGLI STROZZI; mas podemos dizer que somente COSME DE MÉDICIS chegou a realizá-la ao criar, com os livros de NICCOLO DU NICCOLI, a Biblioteca Marciana. LOURENÇO, o Magnifico, fundou outra parecida: a *Biblioteca Laurenziana*, em Florença, para a qual MICHELANGELO construiu em 1524 a célebre sala que tem o seu nome. Mas estas bibliotecas não foram propriamente públicas. Suen Dahl *Histoire du livre*, Paris, 1933; JACOBO MORELLI, *Della publica libreria di San Marco in Venezia*, Venécia, 1774; G. J. ROSSI, *La libreria Medico-Laurenziana* Firenze, 1739; GEORG VON LEYH, *Das Haus und seine Einrichtung*, vol. II do *Handbuch der Bibliothekswissenschaft*, de F. MÜLKAU, Leipzig, 1933.

Até este momento, como diz Ortega, (13) a necessidade do livro não era um imperativo social, mas logo depois vemos surgir o bibliotecário como profissão. Acredita-se que tudo se pode esperar da simples razão do homem, e do que ele pense; portanto, do que ele escreva. Sente-se necessidade de haver mais livros, pois eles são poucos, e a esta necessidade corresponde a figura do bibliotecário, que se revela como pesquisador e colecionador. Se a catalogação não é urgente, a produção e reprodução, em troca, são ansiosamente procuradas. A biblioteca do Rei de França, ao tempo de Carlos V, não tinha mais de 1.500 a 1.510 manuscritos, e pouco mais de 200 livros impressos; e, sob Francisco I, contava 1.781 manuscritos e 109 impressos (14).

1.14 Reforma

A reforma religiosa (meados do séc. XVI), em seu ardoroso afã de angariar prosélitos, dá ao público grandes edições de sermões, obras polêmicas e escritos de propaganda: obras de apresentação medíocre, em mau papel, tipos amassados e encadernação descuidada, mas que, não obstante, representam o primeiro passo para a democratização do livro. Conquista o livro, com este impulso, esferas populares a que nunca havia atingido. A Bíblia de Lutero alcança uma tiragem de 100.000 exemplares, cifra considerável ainda hoje. (15)

1.15 Absolutismo

Descartes, com o *Discours de la Méthode*, abre novas perspectivas à ciência da observação, à filosofia e à técnica. A língua latina retrocede continuamente, combatida pela produção tipográfica, cada vez mais numerosa, em línguas romances. E como, na frase do Rei-Sol, "O Estado sou eu", podemos logicamente afirmar que as bibliotecas dos reis são, ao mesmo tempo, bibliotecas de Estado. (16)

1.16 Século XIX

Chegamos assim ao séc. XIX, no qual, enquanto os países do Norte, induzidos pela Reforma, secularizam os bens eclesiásticos, a revolução francesa — consequência última daquela fé no livro, que criou o Renascimento — traz consigo a nacionalização das bibliotecas reais, assim como mais tarde também a das eclesiásticas, nascendo desse modo a biblioteca pública moderna.

(13) JOSÉ ORTEGA Y GASSET, *Misión del bibliotecario*. Atas e trabalhos do II Congresso Internacional de Bibliotecas e Bibliografia. Madrid, 1949.

(14) H. BOUCHAT, *ob. cit.*

(15) SVEN DAHL, *Histoire du livre*. Paris, 1933.

(16) N. D'OLWER, *ob. cit.*

Neste século, a profissão de bibliotecário, ocupação espontaneamente estimulada pela sociedade, se converteu em burocracia estatal. Em meados da centúria, abrem-se as escolas de biblioteconomia, e seções, nas Faculdades de Letras, para estudo dessa profissão nas Universidades.

A falta de livros, preocupação do Renascimento, sucede outra maior no século XIX : o excesso de produção. O livro se rebela contra o homem. O escritor, o cientista e o técnico verificam que não lhes é dado orientar-se no intrincado e denso bosque da produção bibliográfica, nem sequer na documentação de seu tema. "Em vez de estudar para viver, pressentimos que temos de viver para estudar". (17)

1.17 Século XX

O leitor e o estudioso necessitam de um guia, de um perito que os oriente e lhes assinale ou abra o caminho. O bibliotecário, que no século XIX ordena, cataloga e classifica a produção, com o objetivo de pô-la à disposição de quem desejar consultá-la, não indagando de onde este vem, nem para onde vai, sem distinção de idéias, sexo ou idade, à sombra da declaração dos direitos do homem, e que com isso acredita haver cumprido sua missão, se vê solicitado por uma nova tarefa : selecionar o acervo, apontar o grau de interesse de cada obra para os leitores, e conquistá-los para o uso da biblioteca. "O bibliotecário é como um filtro, entre o depósito de livros e o leitor", mas a democracia faz do livro uma necessidade imprescindível. A cultura se transforma em "razão de Estado" e o livro em serviço público, como a pavimentação, a iluminação ou o abastecimento de água. Sem o livro não podemos sustentar as democracias, nem o alto nível de vida que exigem os países superpovoados : por isso, o bibliotecário não pode permanecer sentado em seu gabinete, consagrando-se exclusivamente ao trabalho rotineiro de catalogação e classificação, à espera de que o leitor chegue, mas antes se vê forçado a converter-se em agente ativo, buscando leitores por todos os modos : cartazes, anúncios, rádio, telefone, imprensa e demais processos da propaganda chamada agressiva, (18) indo catá-los no parque, no bonde, na escola, na Universidade, na oficina, em casa, no ar. A essa altura, as normas de suas atividades podem ser consideradas como contidas na fórmula "buscar um livro para cada leitor e um leitor para cada livro ; fazer com que o livro e o leitor se encontrem, substituindo o livro que ordinariamente se pede, pelo que devia ser pedido". (19)

Por outro lado, a humanidade atravessa atualmente uma fase de transição, da adolescência à idade adulta, enquanto passa da vida maravilhosa da imaginação e do sonho à pura realidade. Das três perguntas que sucessivamente o homem formula ante a natureza : quem ? por que ? como ? ou seja : quem a criou ?, qual a sua razão de ser ? como dominá-la

(17) J. ORTEGA Y GASSET, *ob. cit.*

(18) *La propaganda y el servicio público de bibliotecas en los Estados Unidos*. Madrid, 1946, por J. LASSO DE LA VEGA.

(19) ARTHUR BOSTWICK, *The American Public Library*. New York, 1929.

e pô-la a serviço do homem? encontramos-nos diante da última. A magia e os exorcismos terminaram graças à paciente investigação dos laboratórios, e destes vão paulatinamente surgindo as leis e as regras a que parece obedecer o universo; regras que, uma vez descobertas, o técnico se encarrega de aproveitar e pôr a nosso serviço. Os sacrifícios aos deuses, os encantos e invocações, a magia empregada para evitar epidemias de malária ou de varíola, desapareceram no dia em que os investigadores descobriram a fórmula para matar mosquitos e ensinaram a depositar um pouco de pus, tirado da teta da vaca, numa ranhura da pele humana. Da capacidade visual existente na época de Péricles, passamos ao microscópio eletrônico, que permite contemplar o centésimo-milésimo de milímetro; para medir o macrocosmo, houve necessidade de se recorrer ao ano-luz, equivalente a dez mil milhões de quilômetros. Outro tanto acontece com relação ao tempo: do mesmo modo que se contam cinco ou seis milhões de anos, podemos, ao observar fenômenos sucessivos, registrar mil milionésimos de segundo, como acontece com a excitação de um átomo pelos raios catódicos da emissão de raios X. No campo da energia, o cosmotron cria raios que alcançam seis mil milhões de volts-eletrônicos. (20) Em matéria de temperatura, observando somente as diferenças entre o verão e o inverno, passamos do zero absoluto às centenas de milhões de graus das radiações termonucleares. Desta situação criada pelo homem, deduz-se uma compreensão mais clara de sua posição no cosmo e de seu dever em perseverar laboriosamente na procura de todas as regras que regem o universo e sua divina harmonia, para dominá-las e pô-las a seu serviço, passando êle a converter-se no artesão criador do próprio bem-estar. O homem cumpriu assim a missão de investigador e afirmou ser a pesquisa de base ou fundamental, a aplicada ou técnica, e a operante ou social, origem das inúmeras conquistas de que hoje desfruta. Telégrafo, telefone, radar, hormônios, vitaminas constituem enorme acréscimo ao bem-estar da humanidade, e ante êle as enfermidades retrocedem, os sofrimentos desaparecem ou se atenuam e a vida se prolonga, elevando-se a média da existência a 65 anos, ou seja mais uns vinte de duração. Interdependência e esclarecimento são as características mais destacadas da investigação moderna. Ambas se realizam mediante a documentação. A vida científica é hoje internacional. As atas das academias, os artigos das revistas, comunicações, etc., levam aos investigadores o conhecimento de tudo quanto interessa aos seus próprios trabalhos. Os resultados da investigação de base passam a ser aproveitados pela investigação aplicada, em prazos cada vez menores. Entre as descobertas de Oersted, Ampère e Faraday e as primeiras aplicações práticas da eletricidade, passaram-se mais de quarenta anos. Vinte ou vinte e cinco separaram depois os trabalhos de H. Hertz, sobre a propagação das ondas elétricas, e sua aplicação à telegrafia sem fio. Entre o descobrimento da fissão do urânio e a explosão da bomba atômica, há apenas seis anos.

Esta rápida marcha das descobertas científicas e técnicas teve e tem enorme importância no comércio, na indústria e na economia dos povos, que graças a ela viram crescer sua exportação e suas riquezas, seu poderio e

(20) Um volt eletrônico representa a energia adquirida por um elétron acelerado pela diferença de potencial de um volt.

independência. Povos como a Grã-Bretanha no decorrer do tempo trocaram a exploração de produtos de consumo e de artesanato pela elaboração de material energético, motores de reação, aviões, equipamentos industriais, etc.; e daí passaram à exploração de indústrias mais novas, fundadas nas modernas descobertas científicas: material eletrônico, têxteis artificiais, etc. Dêste modo, enquanto a metade de sua exportação era conseguida pelos produtos têxteis, êstes agora apenas representam 20%, enquanto os metalúrgicos atingem a 50%. Esta enorme transformação é equivalente e comparável à primeira revolução industrial. O papel que corresponde à pesquisa na defesa da agressão militar, na elevação da economia e do proveito comercial, na agricultura, na medicina, e para a independência dos povos e a liberdade do homem, não se discute mais hoje.

Os governos majoram continuamente seus orçamentos consagrados à investigação e à formação de pesquisadores, e fomentam a criação de indústrias novas. Sômente os povos que se preocupam com isso, e na medida em que o alcançam, poderão desfrutar de uma vida superior e, por sua vez, empreender uma investigação eficaz, pois os aparelhos e utensílios de laboratório cada dia requerem maiores recursos econômicos. (21) A isto se deve a criação do Conselho Europeu de Defesa, a efetuar-se com a ajuda econômica cooperativa de várias nações, devido ao seu elevado custo.

O homem se acha em plena luta para conhecer as leis do universo e pô-las a serviço do seu bem-estar. Aproxima-se um novo humanismo que, sob o dogma da fé cristã, e sem esquecer os princípios do humanismo clássico, fundamenta na capacidade e situação do homem a idéia de que êste, entre todos os seres vivos, é o único que tem a propriedade de adquirir conhecimento racional do mundo que habita, podendo relacionar fenômenos, reproduzi-los e acomodá-los a condições que lhe permitam pô-los sob suas ordens.

Dêste modo, o homem de ciência, o erudito e o técnico não encontram hoje na bibliotecário a solução para o mais importante de seus problemas: a documentação. Por um lado, surgiram numerosos documentos auditivos e visuais, além do livro: rádio, televisão, fotografia, microfotografia, disco, fita magnetofônica, etc.; por outro lado, o homem de ciência e o técnico não podem hoje compatibilizar seu trabalho no seminário, no laboratório, na clínica, no pôrto, na fábrica, ou na ponte, com a leitura de centenas de revistas especializadas, e milhares de artigos e de obras que se editam anualmente. Necessitam de um pessoal perfeitamente formado, que selecione as revistas e escolha entre os artigos publicados os que digam respeito a uma determinada especialidade, por êles cultivada, e tenha capacidade suficiente para fazer o resumo de cada um, consoante regras precisas e eficientes, elaboradas com êste objetivo, pelas comissões internacionais de peritos. Isso, no campo internacional, corresponde a *International Standard Organization* (I.S.O.), Comissão Técnica 46, representada na Espanha pelo Instituto Nacional de Racionalização do Trabalho, que por sua vez elabora, em combinação com a I.S.O., as normas U.N.E. Êste pessoal deve ter

(21) CHARLES SADRON, *Une Force nouvelle dans la Nation. La Nef*, XI, 1954, 6, 116-128.

capacidade necessária para saber a que homem de ciência, em que classe de indústria, e a que lugar pode ser útil a informação obtida, e os processos mais eficazes para que, com a máxima rapidez, chegue o informe elaborado a tais interessados.

A êste tipo se deu o nome de documentalista.

2. QUE É DOCUMENTAÇÃO ?

A documentação é, portanto, uma técnica de nossos dias. Sua aparição é tão recente, que seu próprio nome se mantém sob discussão, já que nem todos o aceitam. Discute-se também o nome que se deve atribuir a quem profissionalmente se consagra a essa especialidade. (22) Enquanto uns defendem a denominação de documentista, outros, por ter um sentido mais amplo, preferem a de documentalista. (23) Os italianos propõem o nome de documentador (*documentatori*), designando assim, aquele que, além de possuir a técnica precisa, consagra suas atividades à documentação; enquanto reservam o nome de documentalista para aquele que "*coltiva gli studi documentalogici*". (*) (24) Quanto a nós, preferimos os nomes de documentalista e documentador, de acordo com a etimologia destas palavras. BRADFORD, na introdução de seu preciso manual *Documentation*, define a documentação como "processo de colecionar e classificar por assuntos todos os testemunhos de observações novas, e de oferecê-las conforme as necessidades do descobridor ou do inventor". (25)

2.1 HITÓRIA

No campo internacional, a palavra surge em virtude de proposta apresentada pelos fundadores do Instituto Internacional de Bibliografia, PAUL OTLET e HENRY LA FONTAINE, na X Conferência Internacional, celebrada em 1931, na qual se decidiu substituir a palavra "bibliografia" por "do-

(22) Em francês se utilizava no sentido de autenticar os feitos históricos por meio de documentos procedentes de arquivos, acepção com que também figura em nosso Dicionário de la Real Academia. Nas enciclopédias espanholas, alemãs e britânicas não figurava, até então, o termo documentação.

(23) Documentista: o que cultiva documentos ou dêles cuida. Do latim *Documentum* e *ista*, que indica profissão. *Documentalista* = *Documental* e *ista*. A segunda forma, por ser mais ampla que a primeira, abrange tudo que se relaciona com documentos documentalistas. Documentário 1º) adj. = relativo a documentos: 2º) substantivo: lugar onde há documentos; 3º) profissão = que se ocupa de documentos. (O sufixo latino *arium* conserva-se nos cultismos bibliotecários. A derivação popular é *ero* = *panadero*, e a francesa (*eur*) em *er* = *Documentador*, do latim *Documentor*, e *for*, na sua forma culta (relator), expressa agente, e na vulgar *dor* (acusador) = *Documentador*, o que documenta.

(24) BRUNO BALBIS, *L'Insegnamento professionale della documentazione in Italia*, "La Documentazione in Italia", Roma, 1952, pág. 67.

(25) S. C. BRADFORD, *Documentation*, Londres, 1948.

(*) Em italiano no texto.

cumentação". Não se conhecem as atas da sessão em que a proposta foi apresentada, nem portanto, a maneira em que foi discutida, segundo afirma o sábio documentalista WALTER SCHÜRMEYER. (26)

E' evidente que a inclusão de fotografias, radiografias, películas cinematográficas, discos, desenhos técnicos e demais fontes análogas de estudo, demonstra não ser lícito considerar apenas o livro e a revista como únicos instrumentos transmissores das criações do espírito. O aparecimento e o uso contemporâneo da fotocópia, o microfilme, a microficha e demais meios mecânicos, para seleção, reprodução e transmissão de documentos, justificaram amplamente a troca de denominação.

Para difundir e introduzir o novo conceito, o Instituto adotou em suas cartas e impressos a seguinte definição: "*Documenter c'est réunir, classer et distribuer des documents de tout genre dans les domaines de l'activité humaine*". Desta interpretação parece deduzir-se que os documentalistas haveriam de se ocupar dos métodos de coleccionar, ordenar e utilizar toda espécie de documentos, para nêles introduzir uma transformação a partir de pontos-de-vista novos.

2.2 RAZÃO DE SER

A que fins corresponde esta atividade? Que objetivo tem em mira este serviço? Por um lado, dirige-se ao imenso volume alcançado pela reprodução literária e científica em suas duas seções: pura e aplicada; por outro, à forma em que se desenvolve o progresso da ciência e da indústria, produto da comparação cotidiana, e da relação constante entre as múltiplas e variadas aquisições no campo da ciência e da técnica, feitas por homens que trabalham em harmonia, às vezes a mil quilômetros de distância, em assuntos iguais ou diferentes, e cujas criações vêm a público nas mais diversas línguas, caracteres tipográficas e formas.

2.21 PRODUÇÃO

Calcula-se que no mundo, desde o século XV até hoje, foram impressos cerca de 40 a 50 milhões de livros. (27) Uma interessante memória publicada pela UNESCO, *A preliminary Statistical study in Libraries*, confirma de certo modo estas cifras. Da *Statistical Report on Book Production* (1937-1950), publicada também pela mesma organização, podemos deduzir que se publicam por ano uns 300.000 volume. A julgar pelas cifras citadas, se o número de livros é grande, muito maior é o das publicações periódicas que os tratadistas, com ligeiras variações, avaliam em mais de um milhão, e em mais de um milhão e oitocentos mil o número de artigo inseridos em

(26) WALTER SCHÜRMEYER, *Der Begriff der Dokumentation*, "Deutsche Gesellschaft Für Dokumentation E. V.", V, 1953, 11.

(27) V. nosso artigo "La documentación y el progreso científico", *Racionalización*, Madrid, IV, 1951, 241-262.

tais publicações, dignos de consulta para o estudo de problemas técnicos e científicos. Uma parte, infelizmente pequena destes artigos é entretanto objeto de nova reelaboração em forma de resumos ou *abstracts*. No interessante artigo de VAROSSIEAU, (28) *A survey of scientific abstracting and indexing services*, informamo-nos de que 32.990 revistas, estampando mais de 4.000 resumos por ano, dão lugar à produção de 787.010 sínteses, segundo estatísticas obtidas das 42 entidades que as publicam; por outro lado, 402 entidades produzem ainda 1.195.039 sínteses. Esses resumos se publicam em 15 idiomas diferentes. A eles temos que acrescentar os correspondentes às patentes de invenção, de grande interesse no campo da técnica, e que o citado autor calcula em 56.434 por ano.

Diante desta fabulosa produção, o estudioso, o investigador e o técnico hão de sentir-se na impossibilidade de utilizá-la. Ainda que "vivendo para estudar, e não estudando para viver", a vida do homem não dá margem a que se consiga selecionar, em produção tão anárquicamente oferecida, aquilo que possa interessar-nos, nem há, mesmo depois de selecionado e classificado, tempo bastante para lê-lo e estudá-lo. Este fenômeno, notoriamente agravado nos últimos 50 anos, deu origem à organização sistemática de uma falange de homens, especialmente preparados, que, trabalhando na obscuridade e no anonimato, executam a árdua tarefa de extrair, classificar, catalogar e resumir a produção, e de pôr à disposição do estudioso, do investigador e do técnico, o material suscetível de permitir um passo à frente no caminho do progresso científico e técnico, quer sob a forma de descoberta, quer sob a de novos processos para melhorar, baratear ou tornar mais eficazes os produtos.

Se levarmos em conta o extraordinário volume alcançado pela produção, é fácil compreender que o investigador, o intelectual e o técnico que dirigem uma fábrica hajam precisado do auxílio de pessoal dotado de formação adequada, que execute em seu benefício este indispensável trabalho de documentação.

O modo costumeiro como se originam os avanços científicos, de pequenas em pequenas descobertas, realizadas no extenso campo das numerosas especialidades em que se diversificam as ciências e a técnica, fez com que o instrumento apropriado para sua publicação e difusão fôssem revistas, discursos, conferências, atas de sociedades, teses de doutorado, dissertações, memórias de academias, ateneus, etc., e isto deu origem a que o centro de gravidade da atenção técnica e científica deixasse de ser o livro, para recair em cheio nas revistas e nas citadas publicações periódicas. Consequência imediata deste processo foi também que, nas bibliotecas adquirisse máxima importância a ordenação científica desses preciosos materiais, e que os fichários alcançassem valor e categoria desconhecidos até então, a ponto de, na atualidade, a formação de juízo sobre a eficácia de qualquer centro de documentação científica e técnica depender mais de seu caráter de "ficho-

(28) W. W. VAROSSIEAU, *A survey of Scientific Abstracting and Indexing Services*. International Federation for Documentation. La Haya, 1949 (publicação nº 235). Lamentamos de todo coração a recente perda dessa grande figura do campo da documentação.

teca", do que propriamente de biblioteca; isto é, depende antes do volume e importância de seus fichários documentais, que da riqueza de seus acervos bibliográficos.

Por isso, como disse muito acertadamente MIKUSLASCHEK, (29) "o movimento em favor da Documentação nasceu em consequência da investigação praticada nos meios industriais, que sentiram muito rapidamente a necessidade de informar-se com pormenores precisos sobre os progressos realizados em seus campos respectivos". E acrescenta, depois de reconhecer que os centros de documentação das grandes empresas européias e americanas de várias datam décadas: "os esforços feitos para satisfazer tão importante necessidade são irrisoriamente pequenos". Com exceção do *Engineering Index*, não conhecido de todo, não existe ainda nenhum boletim de importância, que resuma todas as publicações de interesse para a técnica industrial, ao passo que existem, há muito tempo, publicações dessa natureza, consagradas à ciência pura. (30) Dêste fato nasceu a decisão das indústrias, de organizar sua própria documentação, e de criar os próprios métodos, aparelhos e mecanismos técnicos.

A documentação, em geral, constitui hoje metodologia especial, que se ocupa dos processos de trabalho e da técnica aplicada a documentações especiais. Em seus domínios se encontram, em primeira linha, o desenvolvimento dos sistemas de classificação — antes de qualquer outra, a Classificação Decimal Universal (C.D.U) —, a elaboração de normas para a técnica documentalista, a terminologia da documentação, e o exame de seus já numerosos acessórios técnicos (processos de reprodução, fichas para seleção mecânica, máquinas automáticas para classificação das fichas, etc.). Quanto a estes acessórios a Federação Internacional de Documentação (F.I.D.) publicou, em dois volumes, um manual de reprodução de documentos, onde se estudam todos os utilizados até agora, e fabricados nos diferentes países (*Manuel on document reproduction and Selection*, F.I.D., Pub. núm. 264; The Hague, International Federation for Documentation, 1953, 3 vols.). Esta Federação é dirigida por sociedades nacionais de documentação.

2.22 Desenvolvimento industrial

Por outro lado, contribui em grande parte para a criação do serviço de documentação, no grau de importância que tem hoje, a necessidade, cada vez maior nos meios industriais de todo o mundo, de se manterem informados, diariamente, a respeito dos progressos e descobertas realizadas pela técnica, no variado âmbito de seu campo de trabalho. Há muitos anos, as grandes empresas industriais da Alemanha, Estados Unidos e Grã-Bretanha vinham mantendo custosos centros de documentação e experimentação ou ensaio, anexos a suas fábricas. Os grandes interesses represen-

(29) WALTER MIKUSLASCHEK, "L'Organisation de la Documentation en Yugoslavie, Rev. Doc., XX, 1953, 57-61.

(30) SCHÜRMAYER, ob. cit.

tados por tais centros justificavam amplamente o emprêgo de importantes recursos econômicos na manutenção desses serviços, que deveriam pôr imediatamente tais empresas a par de qualquer progresso realizado, como meio de sustentar a competição, face à produção estrangeira. Por isso, a indústria se vê obrigada a criar seus próprios centros de documentação, assim como se verifica o aparecimento dos numerosos instrumentos, máquinas e processos de que hoje dispomos. Embora o custo desses serviços seja irrisório, no conjunto dos que, globalmente, são mantidos pelas grandes indústrias, representa, entretanto, um gasto insustentável para as pequenas, que são, em todos os países, as mais numerosas; daí resulta que, por sua vez, se haja apresentado o problema da criação e manutenção cooperativa destes órgãos ou serviços, indispensáveis à produção científica, industrial e agrícola.

Na Itália, assevera OMODEI (31) que o maior custo da produção italiana, em relação com a dos outros países, se deve ao fato de que *le lavorazioni vengono effettuato con mezzi antiquati*, (*) acrescentando: "O êxito comercial de uma produção depende do fator custo, que é o mais difícil de alcançar, salvo se formos auxiliados por uma cuidadosa análise da literatura técnica: a economia mínima em determinada fase da fabricação pode facilitar a margem de redução nos preços que garantem a comercialidade do produto".

2.3 Bibliotecários e documentalistas: uma divergência

A nova atividade originou constante divergência entre documentalistas e bibliotecários, inclusive com arquivistas e museologistas, por haverem interpretado sua aplicação como uma intromissão inaceitável no campo próprio de suas atividades profissionais. Nosso ilustre colega GODET, por exemplo, antigo presidente da I.F.L.A., em informe apresentado à XIV Conferência da F.I.D., ao pretender delimitar os campos entre documentalistas, bibliotecários e arquivistas, provocou, sem ter intenção, viva reação da parte dos documentalistas. O tema foi de novo tratado nas reuniões de Paris, em 1937, e de Zurique, em 1939. Apesar do abundante número de proposições apresentadas, com o fim de delimitar os campos entre bibliotecários e documentalistas, não foi possível chegar a um entendimento, embora ficasse patente e manifesto o desejo de todos chegarem a um acôrdo. KRUES resumiu o fato com esta frase espirituosa: "Estamos de acôrdo em que não estamos de acôrdo sobre o que entendemos por documentação". (32)

2.4 Documentação: definição e características

Amenizado o clima de calorosa paixão em que se desenvolviam as discussões durante os primeiros anos do após-guerra, por ocasião da última reunião internacional da I.F.L.A. e da F.I.D., celebrada em Viena, no

(31) ALESSANDRO OMODEI, *Le documentazione e industria*, F.I.D., XVIII, conf., 1951, *ib.*, 16.

(32) SCHÜRMEYER, *ob. cit.*

(*) Em italiano no texto.

verão de 1953, voltou a suscitar-se o estudo do problema, no seio da Comissão Internacional de Coordenação, constituída com o encargo de elaborar o programa do III Congresso Internacional de Bibliotecários e de Documentação, a realizar-se em 1955. (*) Nessa reunião, franceses e belgas manifestaram o desejo de que não se limitassem os campos entre bibliotecários e documentalistas, já que a documentação era "um conceito de caráter muito universal", e se deliberou confiar à Deutschen Gesellschaft für Dokumentation a tarefa de definir e delimitar o conceito de documentação.

H. FRACHEBOURG, ilustre membro do citado instituto, ao que diz SCHÜRMEYER, (33) considera que o melhor método para delimitar os campos entre documentalista e bibliotecário é destacar as características profissionais daqueles que desenvolvem suas atividades em cada um dos dois terrenos. Numa biblioteca, requereremos para o serviço científico pessoal dotado de uma formação científica, de extensão e caráter muito geral, e a mais ampla possível, e, por sua vez, preparo sólido e completo em biblioteconomia; em broca, os documentalistas precisam sobretudo de todos os conhecimentos básicos e profundos em uma especialidade da ciência ou da técnica, ao passo que lhes basta uma formação secundária de tipo elementar, em biblioteconomia. OTTO FRANK, ilustre membro daquele instituto, em carta a SCHÜRMEYER, manifesta não ser necessário que os centros de documentação se constituam em depósitos de documentos, nem que facilitem a consulta de seus acervos, ou os emprestam. Se disséssemos que colecionar documentos, incluindo sua ordenação, é função própria do bibliotecário, isso estabeleceria uma clara delimitação: enquanto o trabalho de colecionar documentos, independentemente da propriedade dos mesmos, é *função da documentação* e, em caráter ainda mais definitivo, *a investigação e o aproveitamento* desses. O DR. FRANK termina por definir a documentação como "atividade de comprovação e investigação de publicações, no sentido mais amplo de documentos de toda espécie".

Segundo DOCKMANN e FILL, também citados por SCHÜRMEYER, um centro de documentação — abstração feita de um número reduzido de obras de consulta — não necessita, rigorosamente, possuir bibliotecas. Basta este fato para acentuar a diferença essencial entre biblioteca e centro de documentação. Por sua vez, o DR. SCHÜRMEYER termina definindo a documentação como "aproveitamento e comprovação de toda espécie de documentos, com o objetivo de dar conta do estado dos conhecimentos e das experiências", acrescentando: "em seu último significado, a documentação é um caminho para a racionalização do trabalho intelectual; iríamos contra sua essência se, para amparar o termo documentação, levantássemos questões há muito resolvidas por outros setores mais autorizados".

Nosso querido amigo ARNE J. MÖLLER, (34) presidente da F.I.D., no artigo *Wissenschaft und Dokumentation*, afirma com relação ao problema,

(*) O autor escreveu em 1954.

(33) SCHÜRMEYER, *ob. cit.*

(34) ARNE J. MÖLLER, *Wissenschaft und Dokumentation*, Nachrichten Für Dokumentation, V, 1954, 1.

"que uma de suas tarefas mais importantes é oferecer a visão panorâmica do desenvolvimento do saber humano, de modo que seja mais fácil encontrar o material necessário, tanto para os cientistas, como para outros interessados na economia e na técnica".

A definição e os limites da documentação talvez não estejam bem caracterizados; em compensação, sabe-se que em vinte e um países existem organizações oficiais ou semi-oficiais, para fomento do trabalho documental, e que, nos últimos anos, não se realizou um só congresso internacional de especialistas de qualquer matéria, fôsse ela qual fôsse, em que não se versassem problemas da documentação.

Documentação, por outro lado, é organização. Estamos, de acordo com TOYNBEE, no segundo dos três períodos históricos; terminamos o período técnico, e entramos no da organização. À vista deste fenômeno, que estende seus domínios a todas as atividades, BURNHAM escreveu seu *Managerial Revolution*. O que TOYNBEE chama organização, BURNHAM chama de *managerial actum*; coincidem em proclamar que a organização é uma técnica, e por isso a documentação também o é.

Temos de advertir que, ao falar de técnica, de acordo com um conceito superado, pensamos espontaneamente na máquina. A história da técnica parece corresponder à história da máquina. A técnica, na ordem histórica, é anterior à ciência, porém abrange hoje o conjunto das atividades humanas, e não exclusivamente a atividade produtora. Qualquer investigação científica principia por movimentar apreciável aparelhamento técnico. Quando este meio não existe, a ciência não progride. FARADAY, que teve a intuição das descobertas mais recentes sobre a constituição da matéria, não pôde chegar a resultados positivos, porque a técnica do vácuo não existia em sua época. Torna-se difícil assinalar barreiras entre ciência e técnica biológica, entre ciência e técnica, em matéria de economia e ciências sociais, etc. "Caminhamos para chamar de técnica tudo aquilo que se chamava de ciência", afirma, com exemplos irrefutáveis, JACQUES ELLUL. Em resumo, a situação atual do problema é a seguinte:

A diferença de atividades e de preparação entre bibliotecário e documentalista começa a esboçar-se com características claras e precisas. O bibliotecário tem a missão específica de organizar bibliotecas, catalogar e classificar seus acervos e oferecê-los ao público. Cumpre ao documentalista ordenar os documentos, resumi-los e selecioná-los, para que possam servir ao público, sob formas especiais.

O bibliotecário requer uma formação que abrange todos os conhecimentos em geral, e especialização em catalogação e classificação; o documentalista é antes um especialista bem informado, que domina um ramo ou sub-ramo da ciência ou da técnica, de modo que esteja apto a redigir ou resumo ou a sinopse de artigos sobre matéria muito especializada, e que, além disso, conheça a fundo todos os processos modernos de reprodução, difusão e utilização de qualquer espécie de documento, os sistemas de classificação, especialmente a C.D.U., e as regras de catalogação. O bibliotecário só pode ser documentalista em campo muito limitado, e o

documentalista só pode ser bibliotecário em bibliotecas muito especializadas. Segundo FRACHEBOURG, o documentalista requer 50% de conhecimentos biblioteconômicos e 50% de conhecimentos profissionais: medicina, filosofia, engenharia, etc. Como foi dito, o documentalista coresponde ao movimento cada vez mais acentuado da racionalização industrial. (35)

Durante nosso século, e em consequência do exposto, junto à biblioteca pública, de caráter geral, cresceram e se desenvolveram numerosas bibliotecas de acervos especializados, destinadas ao serviço de um grupo determinado de estudiosos ou de pessoa consagradas a uma indústria, ramo de comércio ou profissão. Bibliotecas de obras de medicina, ciências puras, engenharia, belas-artes, agricultura, etc., e ainda de assuntos muito mais especializados: biologia, eletrônica, carvão e seus produtos e derivados. Com relação a esse tipo, visitamos uma rica e modelar biblioteca especializada, modelo de organização no gênero, em Lund (Suécia). O bibliotecário, pelo menos o de formação humanística média ou superior, se vê reduzido, em tais bibliotecas, ao exercício de só uma de suas funções: a de catalogação. Nem sequer lhe é possível classificar e ordenar os acervos, por lhe faltar o necessário conhecimento da matéria. Não lhe é possível, igualmente, guiar o leitor e "substituir o livro pedido, pelo que devia ser pedido", por falta de formação especializada. Nas bibliotecas de faculdades universitárias: medicina, farmácia, veterinária, ciências, direito, ciências políticas e econômicas, por exemplo, para a classificação das obras, foram utilizados estudantes das últimas séries a fim de ajudar os funcionários, pelo menos na Universidade de Madri, a resolver as numerosas dúvidas que a classificação suscita, quando se trata de teses de doutorado, artigos de revista publicados em separatas, atas de sociedades, discursos, conferências e demais trabalhos muito especializados, de grande valor para o progresso das ciências e difíceis de enquadrar na devida responsabilidade moral para aqueles que não hajam realizado estudos sobre a especialidade correspondente.

(35) G. LORPHEVRE, *L'enseignement de la Documentation et de la Bibliothéconomie en Belgique*, Les cahiers de la Documentation, sept., 1952, 79; S. BRIET *L'enseignement et le statut professionnels des Bibliothécaires et des Documentalistes. Rapport présenté à la Commission Jumelée*, F.I.D./F.I.A.B. em Copenhague, 1º oct., 1952, Rec. Doc., XIX, 1952, 21-26; J. WYART, *L'Analyse documentaire du scientifique et de l'ingénieur de recherche*, F.I.D., XVIII, Conf., 1951, F. 3 (postula a especialização em uma técnica para realizar a documentação); S. NICOLÁS, *Developpement des activités du bureau international du travail dans le domaine de la documentation sur les questions de formation professionnelle*, F.I.D., XVIII, Conf., 1951, H-7 (emprega alunos da Escola de Bibliotecários de Genebra, que se especializam em matéria de documentação internacional). *Gli scritti italiani sulla documentazione. Elenco bibliografico, 1904-1952*, La Documentazione in Italia, Roma. Consiglio Nazionale delle Ricerche, 1952. O Conselho da Library Association, da Austrália, opõe-se à crescente e continua distinção entre bibliotecas e bibliotecários, e bibliografia e documentação. O Conselho é de opinião que a catalogação e classificação das bibliotecas são bibliografia, e que a profissão de bibliotecário deve compreender, como de fato compreende, a organização da literatura nas bibliotecas, e sua bibliografia ou documentação à parte das bibliotecas (carta-circular da F.I.D., 54-8). Os britânicos, conforme resolução aprovada pela Library Association, manifestam-se abertamente contrários à separação do ensino de bibliotecário e de documentalista, por considerarem que este último nada mais é do que um bibliotecário especializado em determinado ramo de sua técnica. Assim se expressaram em documento dirigido ao International Library Committee em 1953, F.I.D., Ref. 3.782-1, maio, 1953.

3. POSSÍVEL SOLUÇÃO DO PROBLEMA

Em resumo, o problema (36) se concretiza dêste modo: o bibliotecário de formação geral humanística, na biblioteca especializada, fica incapacitado para exercer as funções de classificação, de guia e de informador do estudioso; sua atividade técnica é circunscrita à função de mero catalogador de obras, com destino a um catálogo de autores e de títulos. Precisa da competência indispensável para exercer com êxito e a devida responsabilidade moral, a função de classificar os acervos, de acôrdo com qualquer sistema, e para a elaboração de catálogos-dicionários, assim como para desempenhar o papel de guia, consultor e conselheiro do estudante. Também não reúne as aptidões necessárias para selecionar as obras adequadas às necessidades do público e para aplicar, com eficácia e precisão, as verbas proporcionadas pelo orçamento. Como resolver êste problema? Há muitos anos vimos defendendo a necessidades de dar acesso, na profissão de bibliotecário, a todos os licenciados e doutores, procedentes de qualquer faculdade universitária, escolas de artes e indústrias, escolas de comércio, de engenharia, escolas superior e de magistério, etc., sob condição de que: a) realizem estudos complementares de biblioteconomia e bibliologia; b) tenham prática de administração e organização de bibliotecas, na forma que o órgão diretor estabelecer; c) sômente possam escolher e ocupar cargos em bibliotecas especializadas a serviço de centros, academias e sociedades, relacionados com os títulos que respectivamente possuam, ou em bibliotecas gerais, onde existam seções importantes de livros relacionados com sua especialidade. Para cumprimento dos objetivos do corpo de arquivistas, bibliotecários e arqueólogos não importa, por insignificante, o problema da maior ou menor oportunidade que aos estudantes possa proporcionar esta ou aquela Faculdade; o que importa é a eficácia e o bom rendimento do serviço, e é tão claro como sabido, que na biblioteca de uma faculdade de medicina só pode prestar bons serviços um médico que possua conhecimentos fundamentais de biblioteconomia e que domine a técnica de catalogação e classificação, etc. A própria utilidade dêstes conhecimentos vai decrescendo em importância, à medida que se multiplicam e aperfeiçoam os sistemas de impressão de fichas catalográficas, pelas empresas oficiais ou particulares. Não vacilamos em afirmar que, na biblioteca especializada, o substantivo é o domínio da especialidade, e o adjetivo o da biblioteconomia, e que grande número das disciplinas estudadas nas faculdades de letras são supérfluas para o exercício da profissão bibliotecária, enquanto faltam outras absolutamente necessárias. Êste tipo de bibliotecário especializado se aproxima do documentalista, e nêle pode converter-se, uma vez que à sua formação acrescentemos o domínio de tudo quanto se refira à técnica do documento e aos métodos e processos de sua reprodução, transmissão,

(36) Êste problema se apresentou exclusivamente nas bibliotecas em que se cumpriu a Ordem de 29 de julho de 1939, que obriga as bibliotecas servidas pelo Corpo de Arquivistas, Bibliotecários e Arqueólogos, a aplicar a C.D.U. na classificação dos acervos. Só aqueles que não obedeceram a esta disposição e que por isso carecem de experiência na matéria, se proclamam, entre nós, aptos para tudo classificar.

comunicação e sistematização. Em verdade, a biblioteca especializada em determinado ramo da ciência ou da técnica requer um tipo de pessoa com formação documentalista de preferência a um bibliotecário, no conceito que aqui formulamos e se atendemos somente aos fins e à utilidade do serviço.

A profissão de bibliotecário, como tantas outras, se diversificou em especialidades. A própria denominação "bibliotecário" é, a nosso ver, muito equivocada, pois não implica estar de posse de uma técnica, nem de um título universitário, já que na direção de qualquer sociedade recreativa, irmandade ou clube desportivo, existe geralmente um membro bibliotecário, sem que para isso seja necessário que a sociedade possua biblioteca. Por isso propusemos, em outras ocasiões, o termo bibliólogo, mais culto e mais expressivo, para designar os que dominam a ciência dos livros, e estão de posse do título universitário pertinente. O termo atual de bibliotecário poderia reservar-se para a pessoa que, embora sem a competência adequada, e sem o domínio da especialidade, tenha a seu cargo uma biblioteca, e se destinaria ainda o de "bibliotequeiro" para os que, com desprezo de uma técnica complicada, se põem a organizar bibliotecas, conforme as regras de improviso, tiradas do portentoso engenho com que, a seu juízo, lhes dotou a Divina Providência.

Em todo caso, o certo é que: 1º) na profissão de bibliotecário se esboçam hoje, como em outras profissões, diversos ramos especializados, como classificação, informação bibliográfica, catalogações especiais (tais como as de música, mapas, códices, materiais audiovisuais, etc.); bibliotecas de diversos fins, como as de hospital, infantis, de prisões, militares, escolares, universitárias, científicas, nacionais, parlamentares, etc.; 2º) o documentalista separou-se, tanto por suas atividades como pelos conhecimentos que é obrigado a possuir, da profissão de bibliotecário, na qual podemos afirmar que estava incluído até um século atrás.

Na reunião de 1954, da I.F.L.A. e da F.I.D., em Belgrado, tratou-se novamente deste problema, com o calor e a paixão que nêle põem sempre bibliotecários e documentalistas. Na Espanha, também se dividem as opiniões, no campo da profissão de engenheiro, que alguns pretendem diversificar em engenheiros eletricitas, têxteis, industriais de papel, etc., enquanto outros preconizam o título de engenheiros industriais, mais geral e compreensivo.

Na recente reunião internacional de Belgrado (setembro de 1954), depois de acalorada discussão sobre o tema, deliberou-se remeter aos membros nacionais da F.I.D., a seguinte proposta de definição: Reunir documentos mediante uma ordem sistemática, pondo-os em condições de ser utilizados e produzir o devido rendimento.

Sentimos profundamente não haver assistido a essa reunião, por motivos bem conhecidos. A definição estabelecida não resolve nada. Está impregnada desse desejo corrente de achar uma fórmula que contente a todos, e que ordinariamente não satisfaz a ninguém; em suma, seu valor se reduz a ser um novo compasso de espera, enquanto se acentuam mais definidamente os perfis e características de ambas as profissões. O fato

de que uma mesma pessoa pode ser bibliotecário e documentalista não quer dizer que os serviços sejam os mesmos, nem que coincidam as condições e características exigíveis para o exercício de ambas as atividades. E' o mesmo que ser oculista e ser médico. Surgiu uma profissão nova, como consequência de uma necessidade antes não sentida como hoje, e com obrigação de o profissional estar em dia, e saber manejar uma série de aparelhos, óticos e científicos, recentemente colocados a serviço do trabalho intelectual, cuja variedade e número são postos em relêvo nos dois volumes do precioso manual publicado, sob a direção de renomados peritos pela F.I.D., com auxílio da UNESCO. (37)

Por último, em seu artigo "Bibliothécaires et Documentalistes", aparecido quando estas linhas já estavam sendo impressas, BRIET *defende* pontos-de-vista análogos, com a competência e discrição que caracterizam seus trabalhos.

(37) *Manual on document reproduction and selection*. F.I.D., n° 264. The Hague, 1953. 3 vols., 4°

(38) *Rev. Doc.* XXI (1954), fasc. 2, 41-45.